

A DOCÊNCIA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL OCASIONADO PELA COVID-19: NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DO CAMPO

TEACHING IN TIMES OF SOCIAL ISOLATION CAUSED BY COVID-19: NARRATIVES OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND PRIMARY EDUCATION TEACHERS IN A RURAL SCHOOL

LA DOCENCIA EN TIEMPOS DE AISLAMIENTO SOCIAL CAUSADO POR LA COVID-19: NARRATIVAS DE PROFESORAS DE LA EDUCACIÓN INFANTIL Y AÑOS INICIALES DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL DE UNA ESCUELA DEL CAMPO

Autora¹ Magali Maria Johann¹
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula²

Resumo

O presente texto traz um recorte da pesquisa de doutorado realizada no estado do Paraná com professoras da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola Urbana e de uma Escola do Campo, ambas municipais. No intuito de investigar quais são as concepções das docentes sobre a relação família e escola no período de isolamento social da pandemia da Covid-19, os estudos fundamentaram-se na perspectiva de Bauman (2007, 2011), Nóvoa (2022), Freire (2021), Ostetto (2012), entre outros. A pesquisa, cuja abordagem é qualitativa, realizou um estudo de caso denominado “História de vida”, baseado em Lara e Molina (2011). A coleta de dados foi feita através de um questionário elaborado no *Google Forms* e por uma entrevista via *Google Meet*, e o tratamento de dados ocorreu pela análise das narrativas das participantes durante a entrevista, a partir do que elas responderam no questionário, pautadas em Sousa e Cabral (2015). Neste artigo, são apresentados os resultados das narrativas das professoras da Escola do Campo durante as entrevistas, das quais surgiram as categorias: 1. Percurso de vida escolar; 2. Escolha profissional; e 3. A docência no isolamento social e a relação família e escola. As percepções das professoras revelam fatos que marcaram sua caminhada pessoal escolar e demonstram uma certa relação com a escolha da profissão. Além disso, apontam os desafios enfrentados durante o período de isolamento social e desvelam a ambivalência da profissão docente, em que houve a dedicação exaustiva ao trabalho e um possível reconhecimento das famílias sobre o preparo profissional e pedagógico do docente no ato de educar e ensinar as crianças.

Palavras-chave: professoras; isolamento social; pandemia da Covid-19; escola do campo.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Chapecó, SC e Professora Substituta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9186-1022>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4471519301336432>
E-mail: magalimariajohann@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8619-7558>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6507718848252634>.
E-mail: ematpaula@uem.br

Abstract

This article is an excerpt from doctoral research carried out in the state of Paraná with Early Childhood Education and Primary Education teachers from an urban school and a rural school, both municipal. In order to investigate the teachers' conceptions of the relationship between family and school during the period of social isolation caused by the Covid-19 pandemic, the study was based on the perspective of Bauman (2007, 2011), Nóvoa (2022), Freire (2021), Ostetto (2012), among others. The research, whose approach is qualitative, carried out a case study called "Life Story", based on Lara and Molina (2011). Data was collected using a questionnaire prepared on Google Forms and an interview via Google Meet, and the data was processed by analyzing the participants' narratives during the interview and their answers to the questionnaire, based on Sousa and Cabral (2015). This article presents the results of the narratives of the rural school teachers during the interviews, from which the following categories emerged: 1. School life trajectory; 2. Professional choice; and 3. Teaching in social isolation and the relationship between family and school. The teachers' perceptions reveal events that marked their personal school journey and demonstrate a certain relation between these and their choice of profession. Furthermore, they point out the challenges faced during the period of social isolation and reveal the ambivalence of the teaching profession, in which there was exhaustive dedication to work and a possible recognition by families of the professional and pedagogical preparation of the teacher in the act of educating and teaching children.

Keywords: teachers; social isolation; Covid-19 pandemic; rural school.

Resumen

El presente texto trae un recorte de investigación de doctorado realizado en el estado de Paraná con profesoras de la Educación Infantil y de los Años Iniciales de la Enseñanza Fundamental de una Escuela Urbana y de una Escuela del Campo, las dos del municipio. Con el objetivo de investigar cuáles son las concepciones de las docentes acerca de la relación familia y escuela en el periodo de aislamiento social de la pandemia de Covid-19, los estudios se han fundamentado en la perspectiva de Bauman (2007, 2011), Nóvoa (2022), Freire (2021) y Ostetto (2012) entre otros. La investigación, cuyo abordaje es cualitativo, realizó un estudio de caso denominado "Historia de vida", basado en Lara y Molina (2011). La recolección de los datos fue hecha a través de un cuestionario elaborado en el *Google Forms* y por una entrevista, vía *Google Meet*, y el tratamiento de los datos ha ocurrido a través de análisis de las narrativas de las participantes durante la entrevista, según lo que ellas respondieron en el cuestionario, pautadas en Sousa y Cabral (2015). En este artículo, se presentan los resultados de las narrativas de las profesoras de la Escuela de Campo durante las entrevistas, de donde surgieron las categorías: 1. Recorrido de la vida escolar; 2. Elección profesional; y 3. La docencia en el aislamiento social y la relación familia y escuela. Las percepciones de las profesoras revelan hechos que marcaron su recorrido personal escolar y demuestran una cierta relación con la elección de la profesión. Además, apuntan los retos enfrentados durante el periodo de aislamiento social y destapan la ambivalencia de la profesión docente, en el que hubo la dedicación exhaustiva al trabajo y un posible reconocimiento de las familias acerca del preparo profesional y pedagógico del docente en el acto de educar y enseñar a los niños.

Palabras clave: profesoras; aislamiento social; pandemia de Covid-19; escuela do campo.

Introdução

O isolamento social decorrente da Covid-19 entrou em vigor no Brasil pelo lançamento oficial da Portaria nº 356, de março de 2020³, e forjou uma organização diferente das práticas educativas, bem como do ensino e do ato de educar dos professores. Com a suspensão das aulas presenciais e a adoção do ensino remoto emergencial, as práticas de ensino passaram a

³ A portaria pode ser acessada pelo seguinte endereço: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Recuperado em 7 agosto, 2023.



acontecer mais intensamente por meio da relação família e escola nos lares brasileiros, tanto nas casas dos professores quanto nas casas das famílias dos estudantes.

Esse fato ocorreu porque uma das medidas emergenciais diante do surto de uma pandemia foi o impedimento de contato físico entre as pessoas, para cumprir um plano de contingência, evitando a propagação do vírus e suas consequências (Portaria nº 356, 2020). A família passou a ter um papel mais ativo no processo de educação dos filhos. Os pais/mães ou responsáveis foram desafiados a atuarem como mediadores entre os seus filhos e os conteúdos apresentados pelos professores, auxiliando-os no acompanhamento das atividades e na organização do tempo de estudo.

As relações estabelecidas de forma remota entre família e escola também se intensificaram nesse período. Os professores mantiveram contato com pais, mães ou responsáveis por meio de reuniões *online*, trocas de mensagens e envio de orientações via aplicativos de comunicação instantânea, como o WhatsApp. Os canais de comunicação usados foram essenciais para esclarecer dúvidas, oferecer suporte pedagógico e acompanhar o desempenho das crianças durante o ensino remoto emergencial.

Além disso, a família e a escola enfrentaram juntas os desafios emocionais causados pela pandemia. Ambas se preocuparam com a saúde e bem-estar dos estudantes e buscaram formas para mantê-los motivados e engajados nas atividades escolares. O sofrimento, o desgaste psicológico e o cansaço físico dos professores ocorreram com frequência e de forma preocupante. Diante dessa conjuntura pandêmica, a Fundação Carlos Chagas, juntamente com a Unesco (brasileira) e Itaú Social, realizaram uma pesquisa⁴ entre 30 de abril e 10 de maio de 2020, a fim de identificar como os docentes das redes pública e privada estavam atuando no início do isolamento social, verificar como os professores conseguiam aliar sua vida pessoal e o trabalho e também investigar quais eram suas perspectivas para o pós-pandemia.

Diante dos dados e análises da referida pesquisa, percebeu-se que o público (participantes de todas as 27 unidades da federação) era predominantemente feminino (80,5% mulheres). O total de participantes foi de 14.285 docentes. O questionário revelou que mais de 65 % do público teve mudanças no trabalho e que este se avolumou, principalmente quanto à

⁴ A pesquisa pode ser acessada pelo link: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1/>. Recuperado em 12 julho, 2023.

interação por meio digital. A principal preocupação dos professores era organizar tempo e garantir conteúdos disciplinares. As redes sociais foram muito utilizadas. Os professores também indicaram que nem todos os alunos tinham condições de acessar e aprender, por isso ocorreu um baixo aprendizado. O pensamento dos docentes sobre o pós-pandemia mostrou o desejo de ajustar as formas de avaliar os estudantes e dar continuidade ao ensino de forma *online*, conjugada com o presencial.

Quando a pesquisa inquiriu sobre a relação família e escola, cerca de metade dos professores afirmaram que houve ampliação da relação e do vínculo dos estudantes com suas famílias. Um percentual de 70% dos professores declarou receber apoio da escola no momento de isolamento social. Essa pesquisa mostra que o momento foi desafiador e a troca de experiências e o apoio mútuo nas relações entre professores e famílias foram essenciais nesse processo de incertezas e ressignificação do espaço e do fazer docente em tempos de isolamento social.

A pesquisa que ora se apresenta aborda discussões teóricas de um recorte da tese de doutorado, a qual procurou investigar quais eram as concepções de professores de uma escola do campo municipal sobre a relação família e escola no contexto de isolamento social decorrente da Pandemia da Covid-19. A abordagem da pesquisa é qualitativa e realiza um estudo de caso denominado “História de vida”, apoiado em Lara e Molina (2011), que definem esse tipo de estudo como sendo uma categoria de pesquisa onde uma unidade se analisa profundamente e geralmente utiliza a técnica de entrevista semiestruturada. A coleta de dados foi realizada através de um questionário elaborado no *Google Forms* e por uma entrevista via *Google Meet*, e o tratamento de dados ocorreu pela análise das narrativas das participantes durante a entrevista, a partir do que elas responderam no questionário, pautadas em Sousa e Cabral (2015). As autoras citadas enfatizam o uso das narrativas na formação de professores e no desempenho profissional docente. Dentre as variadas formas de constituição da pesquisa, as entrevistas podem ser contempladas como dados para a análise narrativa. Ainda, no ato de narrar ou contar uma história, viabilizam-se memórias por meio das relações humanas. Neste sentido, segundo Sousa e Cabral (2015, p. 150),

É esse caráter flexível da memória, tecida na relação com o outro, que permite aos sujeitos refazerem suas histórias, nas suas lembranças, resistindo àquilo que os incomoda, acrescentando

fatos oriundos do seu desejo de que tivesse sido diferente, como novas possibilidades para suas vivências. Assim, entendemos que as situações narradas são revividas e reelaboradas no processo de rememoração.

Na sequência, serão apresentados os resultados da coleta de dados sobre as narrativas das professoras da Escola do campo, pautando reflexões sobre a sua caminhada escolar, escolha profissional e a docência, diante do estudo sobre a relação família e escola durante o isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Essas três categorias emergiram da análise dos dados das entrevistas, realizadas de forma *on-line* pelo *Google Meet* pela pesquisadora, de forma individual. As três participantes, que são docentes na Educação Infantil e Ensino Fundamental, aceitaram fazer a entrevista, que foi gravada e transcrita, com todos os cuidados afirmados no projeto aprovado pelo comitê de ética de uma universidade pública do interior do Paraná, a qual autorizou a coleta de dados da tese.

A entrevista foi um diálogo com as participantes, para saber das motivações que as levaram a responder ao questionário, preenchido de forma *on-line*, pelo *Google Forms*, anteriormente à entrevista. O questionário indagou as professoras sobre as suas concepções a respeito da relação família e escola, relação professor e família, relação gestão escolar e família, relação entre as famílias dos estudantes que frequentavam as escolas investigadas. Mas, antes de fazer essas perguntas específicas e direcionadas, a pesquisadora e as participantes se apresentaram e, posteriormente, as docentes foram convidadas a narrar sobre seu percurso educativo na escola, as motivações ou imposições para a sua escolha profissional e o que achavam, sentiam e pensavam sobre a docência, dentro da perspectiva da relação família e escola. Nesse diálogo surgiram as narrativas que, a seguir, serão apresentadas e refletidas.

A pandemia da Covid-19 e o contexto do isolamento social

A Covid-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia cuja doença respiratória aguda é causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan,

na província de Hubei, na China, e se espalhou para o resto do mundo, resultando em uma crise de saúde global⁵.

A transmissão da Covid-19 ocorre principalmente de pessoa para pessoa através de gotículas respiratórias quando uma pessoa infectada tem tosse, espirra, fala, canta ou respira. Também pode ser transmitida ao tocar superfícies contaminadas e, em seguida, tocar o rosto. Os sintomas mais comuns da doença incluem febre, tosse seca, fadiga, dores musculares, dor de garganta, perda do paladar e do olfato, falta de ar e desconforto no peito. Em casos graves, a doença pode levar à insuficiência respiratória, pneumonia e morte (Organização Pan Americana de Saúde, 2023⁶).

Para controlar a propagação do vírus, a partir do ano 2020, muitos países implementaram medidas de saúde pública, como o distanciamento social, a proibição de aglomerações, o uso de máscaras faciais, a lavagem frequente das mãos e a quarentena. Além disso, foram desenvolvidas vacinas contra a Covid-19, que estão sendo administradas em todo o mundo para prevenir a doença e/ou reduzir sua gravidade.

A pandemia da Covid-19 causou um impacto significativo em todas as áreas da vida, incluindo a saúde, a economia, a educação e o turismo. Milhões de pessoas foram infectadas e milhões de vidas foram perdidas em todo o mundo. A pandemia também expôs desigualdades sociais e econômicas existentes, afetando de forma desproporcional as populações mais vulneráveis e marginalizadas. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), instituição brasileira⁷, além de pesquisar e lançar uma das opções de vacina para a Covid-19, organizou um observatório denominado *Covid-19: informação para a ação*, e constituiu um grupo de estudos e pesquisas sobre as situações sociais em que as pessoas sofreram dificuldades econômicas ou de qualquer outra ordem durante o isolamento social da Covid-19. Essa proposta visou, dentre outros

⁵ O histórico da pandemia, relatórios, orientações, notícias e informações sobre o coronavírus podem ser acessados no endereço eletrônico: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Recuperado em 7 julho, 2023.

⁶ As informações podem ser encontradas no endereço eletrônico: <https://www.paho.org/pt/covid19#collap-se-accordion-24199-3>. Recuperado em 9 julho, 2023.

⁷ O site da Fiocruz pode ser acessado no link a seguir: <https://portal.fiocruz.br/>. Recuperado em 27 setembro, 2023.

objetivos, avançar na oferta de políticas públicas para essas populações em risco, como, por exemplo, a favela⁸.

O isolamento social é um termo utilizado para se referir à prática de se distanciar socialmente de outras pessoas, evitando contatos físicos e mantendo-se em espaços fechados, geralmente em decorrência de uma situação de emergência ou crise de saúde pública. Durante uma pandemia, por exemplo, o isolamento social é uma das principais medidas adotadas para evitar a propagação do vírus. Isso ocorre porque o distanciamento físico reduz a possibilidade de contágio entre as pessoas, diminuindo o ritmo de disseminação da doença. Para comunicar e orientar a população brasileira sobre o que seria o isolamento social e a nova organização de contenção de contatos entre as pessoas no início da pandemia, instituições públicas, como as universidades, produziram materiais e notas explicativas para auxiliar no momento de medo e insegurança diante da propagação letal do vírus. Um dos exemplos que podemos citar é o da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), que vinculou em seu site uma cartilha denominada “Isolamento Social: o que é? Isolamento social e o novo coronavírus, #FIQUEEMCASA”, que contém explicações, imagens e orientações detalhadas para a população acompanhar e se proteger durante a pandemia⁹.

A luta contra a pandemia continua, mesmo depois de finalizada a quarentena e os cuidados extremos com os contatos e circulação física das pessoas. Hoje, no ano de 2023, ocorrem esforços para controlar a propagação do vírus, garantir acesso equitativo às vacinas, promover a conscientização pública sobre medidas de prevenção e responder, de forma eficaz, às variantes do vírus, que podem surgir a todo e qualquer momento. Em uma consulta ao site da Organização Mundial da Saúde (OMS), pode-se verificar os dados atualizados¹⁰ do vírus da Covid-19 globalmente. Na atualização realizada no dia 5 de julho de 2023 no sistema, por exemplo, está registrado que se confirmaram 767.726.861 casos de Covid-19. Desse total, estão incluídas 6.948.764 mortes, que foram relatadas à organização.

⁸ A informação pode ser acessada no seguinte endereço: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19-covid-nas-favelas>. Recuperado em 9 julho, 2023.

⁹ A cartilha comentada pode ser acessada no seguinte endereço eletrônico: https://unipampa.edu.br/portal/sites/default/files/portifolio_1.pdf. Recuperado em 9 julho, 2023.

¹⁰ Os dados apresentados, podem ser acessados no seguinte endereço eletrônico: <https://covid19.who.int/>. Recuperado em 27 fevereiro, 2024.

A notícia veiculada no site da Organização Pan Americana de Saúde¹¹ no dia 09 de março de 2023 chama atenção para a vigilância e a vacinação como peças propulsoras no combate à pandemia nas Américas. Em outras palavras, a ciência, aliada à colaboração global e à solidariedade, são fundamentais para superar os desafios do coronavírus e alcançar uma recuperação sustentável. No mesmo site, noticiou-se que, na conferência nacional de saúde, em 2023, no Brasil, foi discutida a importância de acolher as lições da pandemia, para que o mundo esteja melhor preparado para emergências que possam ocorrer futuramente.

Nesse sentido, é importante problematizar a pandemia e a relação família e escola nesses tempos de isolamento social, que podem se aproximar do conceito de tempos líquidos, como propõe Bauman (2007). É preciso discutir a relação entre esses dois segmentos sociais, para garantir trocas eficazes e saudáveis no que tange à saúde, desenvolvimento, aprendizagem e formação integral dos seres humanos no contexto pandêmico.

A relação família e escola em tempos líquidos pandêmicos

A pandemia da Covid-19, e mais especificamente o isolamento social, trouxeram mudanças tanto para a família quanto para a escola, pois as escolas permaneceram da mesma forma, porém trancadas, e as famílias tiveram que ficar isoladas, modificando essa relação. Mas, ao mesmo tempo em que as pessoas estavam confinadas, a relação entre família e escola continuou ocorrendo por meio das redes de comunicação digital, especialmente depois do decreto de ensino remoto emergencial, expedido pelo governo brasileiro através da portaria nº 934 (Portaria n. 934, 2021). Portanto, a relação entre esses dois segmentos sociais (família e escola) foi fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e adolescentes durante o período de isolamento social, em tempos líquidos (conceito adotado em Bauman, 2007).

Tempos líquidos, denominado por Bauman (2007, 2011), se insere no entendimento de dois momentos de desenvolvimento da modernidade. O primeiro caracteriza-se como um mundo de relações sociais e interpessoais sólidas, e no segundo as relações sociais e interpessoais são fluidas, instáveis e incertas – a modernidade líquida. Ao refletir sobre a

¹¹ A notícia citada pode ser acessado no seguinte link: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2023-apos-tres-anos-covid-19-vigilancia-e-vacinacao-sao-chave-para-acabar-com-pandemia>. Recuperado em 13 julho, 2023.

sociedade ocidental ao longo dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX e XXI, Bauman (2013) descreve a passagem de um momento sólido (de planejamento, organização e sistematização da vida e conhecimentos) para um momento líquido, de modernização e consumo intensificados, com fortes alterações nas relações sociais e interpessoais. Ou seja, a modernidade sólida ocorreu em torno do fim do século XVII para o XVIII, e a modernidade líquida em torno do século XX e XXI.

Por conseguinte, ao abordar a família, escola e professoras nesta produção, articula-se o entendimento de relações líquidas, em tempos líquidos, situados no contexto do isolamento social da pandemia da Covid-19. Nesse tempo líquido (de isolamento social) as relações e afetos (líquidos) dentro da sociedade, família e escola foram permeadas pela perda do contato físico entre as pessoas e o uso frequente da *internet*, juntamente com as variadas ferramentas midiáticas e/ou redes sociais. Essas interações virtuais situam-se como locais de possíveis relações da vida cotidiana, estudo, trabalho e encontro entre as pessoas. Ou, ainda, a comunicação e interação da relação entre família e escola com os professores/as, pais/mães, responsáveis e professores, gestores e famílias, gestores e professores, escola e sociedade.

Para Bauman (2011), o mundo líquido moderno deslinda um “golpe na essência pedagógica” no contexto atual da sociedade. A solidez das relações na modernidade líquida parece estar ameaçada, descartável, não durável. E nessa esteira, o conhecimento e a educação oferecida na escola passa a ser “produto de consumo”, “instantâneo”, “questionável”. O desafio posto para a educação e a pedagogia atual são as mudanças repentinas e as propostas de construção instantâneas sobre os processos de ensino e aprendizagem. Existe atualmente um mercado do conhecimento “livre, aberto, não sólido” (Bauman, 2011, p. 112).

Em consonância com a realidade dos tempos líquidos/modernidade líquida (Bauman, 2007) que se apresenta no contexto da família, escola, educação, prática pedagógica, dentre outros, está a ocorrência da pandemia do coronavírus. Nessa perspectiva, a relação família e escola na pandemia foi refletida por Dalben (2019), que discorre sobre a surpresa e a situação de famílias e escolas não se sentirem seguras, ou ainda não preparadas para operar com o ensino remoto dentro de seus lares. Diante dessa realidade, a autora aponta sérios problemas ocorridos na situação de isolamento social, os quais respingam na relação família e escola, e que, depois

dessa experiência de pandemia, precisam se fortalecer, ou definir novos modelos de relacionamento.

Os desafios para a educação, que ocorrem dentro dos lares, são expostos por Garcia (2021), que assevera a vivência desafiadora da pandemia por variados contextos de famílias. A autora expõe falas de familiares/responsáveis que apresentam dificuldade em estar administrando o ensino de uma forma abrupta dentro de suas casas, sem nenhuma orientação ou equipamentos que deem conta dessa tarefa. Dalben (2019), antes mesmo de apresentar as problemáticas vivenciadas, esclarece que tanto a família quanto a escola devem ser reconhecidas como instituições sociais. A autora deixa claro que “os conteúdos ensinados nestas instituições, embora complementares, têm naturezas diferentes na construção do ser social e no processo de desenvolvimento dos sujeitos, cidadãos para o mundo” (Dalben, 2019, p. 3), e complementa, expondo as dificuldades e sofrimento das famílias em usar as tecnologias digitais, dentre outros.

A situação dos professores também é apresentada, no texto de Dalben (2019), como um profissional que vem sendo inviabilizado em seu reconhecimento e valorização de sua profissão/remuneração, e na pandemia, durante o período de isolamento social, esteve trabalhando de forma solitária, isolada, e ao mesmo tempo com uma demanda dobrada de trabalho, tanto pessoal, familiar, doméstico e escolar. Garcia (2015) complementa a problematização do trabalho docente, trazendo a narrativa de uma professora que precisava desempenhar o papel de mãe e educadora ao mesmo tempo, e ainda tendo dificuldades em manipular as tecnologias para realizar o trabalho.

Brandão (2007), na sua obra “*O que é educação*”, apresenta um entendimento sobre as “educações” que ocorrem em todos os espaços sociais, sejam eles familiares, escolares, nas ruas, aldeias indígenas, e diversas organizações humanas. Ou seja, “ninguém escapa da educação” (Brandão, 2007, p. 7). O autor afirma que não há uma forma única de educar e também um espaço único de aprender. Ou seja, a escola não é o único espaço de aprendizagem. Por outro lado, Dalben (2019) afirma que a escola não é o único lugar de educação, mas é um espaço que garante muito mais que conteúdos; ela estimula o reconhecimento da importância da mesma na vida e das relações entre crianças e adolescentes.

A afirmativa que o isolamento social e a privação da presencialidade na escola são maléficos para professores e estudantes é plausível para Dalben (2019), mas, ao mesmo tempo, a autora afirma que houve muitas vivências construtivas de resignificação da educação na situação de isolamento social, para as famílias e para os professores. Outrossim, há a possibilidade de pensar e construir uma relação entre família e escola possível a partir da experiência da pandemia, embora tenham ocorrido muitos desencontros, conflitos e desavenças entre esses dois segmentos, ou falta de diálogo mais intenso entre famílias e escola.

Nesse sentido, as narrativas analisadas, que serão apresentadas a seguir, advêm da primeira parte da entrevista com as professoras de uma escola do campo, da etapa da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, nas quais, por meio da temática da relação família e escola no contexto de isolamento social da Pandemia da Covid-19, constituíram-se narrativas sobre a caminhada escolar, escolha profissional e concepções sobre a docência na relação família/escola e isolamento social durante a pandemia da Covid-19.

Narrativas da caminhada escolar das professoras da Escola do Campo

A necessidade de estudos para compreender como ocorreu a educação nesses tempos adversos – o contexto de isolamento social –, incutiu o desejo de investigar, empiricamente e de forma digital/ remota, as docentes que trabalharam tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As narrativas das professoras contam as suas percepções desse momento, mais especificamente as suas caminhadas pessoais e escolares, as decisões pela profissão, e como ocorreram as relações entre família e escola, ou seja, as relações entre professores e famílias, em tempos tão incertos, líquidos e fluidos, como diria Bauman (2007).

A coleta de dados foi um grande desafio para a investigação de tese. O momento era de distanciamento social, e o contato com as participantes precisava ocorrer de forma totalmente remota. As tecnologias conseguiram facilitar e adaptar o percurso e andamento empírico da pesquisa, bem como o acesso e contato direto com as participantes. Nesse sentido, o estudo de caso auxiliou na observação do contexto, na forma como interagiam naquele momento difícil para todas as pessoas.

A escola do campo é distante 25 km do centro da cidade, e os professores que trabalhavam nessa instituição precisavam pegar o ônibus pela manhã e retornar à tarde (com

exceção de uma professora, que morava no campo). As professoras atendiam turmas multisseriadas, sendo que na Educação Infantil, durante a pandemia, uma professora era responsável pela pré-escola, outra era responsável pelo primeiro e pelo segundo ano, outra pelo terceiro e pelo quarto ano, e outra, ainda, pelo quinto ano. As crianças atendidas na instituição eram do campo e fazendas próximas e algumas moravam mais distante da escola, cabendo à prefeitura fazer o transporte das mesmas. Mas, durante a pandemia, todas ficaram isoladas. No momento da investigação, havia cerca de 120 alunos estudantes atendidos.

O atendimento era integral para todas as turmas, da pré-escola até o nono ano dos anos finais do Ensino Fundamental. O currículo era normal na parte da manhã e diversificado na parte da tarde, onde ocorriam oficinas e atividades diferenciadas. Mas, durante o isolamento social, ocorreu a comunicação e interação pelo WhatsApp e *Google Meet* (quando era preciso) entre família e escola, e as atividades eram oferecidas de forma impressa, sendo que a família se dirigia à escola, a cada 20 dias, para apanhar as atividades e entregar as tarefas feitas para as docentes, ou para a gestão escolar, com todos os cuidados de saúde que a pandemia exigia.

Do total de professores na escola do campo durante o isolamento social, que eram aproximadamente 20 docentes, 3 aceitaram responder ao questionário no *Google Forms* e realizar a entrevista pelo *Google Meet*. Elas foram denominadas na pesquisa com nomes de flores, para manter a ética e o sigilo da pesquisa. A participante 1 foi denominada Azaleia (44 anos de idade), a participante 2 Begônia (34 anos de idade) e a participante 3 Calêndula (42 anos de idade). As três professoras não tinham filhos. A participante 1 era solteira, enquanto que as participantes 2 e 3 eram casadas.

A partir das respostas ao questionário, as professoras foram entrevistadas, para investigar quais eram suas ideias e concepções sobre a palavra ou a frase escrita no questionário. A primeira categoria, que foi construída com a parte inicial da entrevista, foi denominada “Percurso de vida escolar”, e versou sobre a história das vivências das professoras no contexto escolar percorrido durante sua trajetória de vida. A participante Azaleia, ao ser questionada sobre o seu percurso escolar, mencionou que houve muitas mudanças, mas não narrou fatos ou características de sua trajetória pessoal, especificamente.

Houve bastante mudanças. A gente percebe essas mudanças que vão acontecendo. Algumas a gente percebe que são para melhor e algumas não têm dado tão certo (Participante Azaleia, 2020).

A explicação da professora, sem especificar ou detalhar a questão de sua trajetória pessoal, foi acolhida e respeitada. Nesse intuito, segue-se a conceituação de Freire (1986), que propõe a ideia de uma relação dialógica na educação e ensino, entre educadores, educandos e toda a comunidade educativa. Ou seja, o diálogo deve ser entendido como algo pertencente à natureza histórica dos seres humanos, pois dialogando tornamo-nos humanizados. Mas, sendo o diálogo uma comunicação democrática dentro da relação dialógica, é preciso respeitar quando as pessoas não querem falar/dialogar. Freire (1986, p. 66) afirma que “no diálogo tem-se o direito de permanecer em silêncio”.

A participante Begônia nasceu e ainda morava na fazenda. Frequentou a escola do campo desde quando essa foi inaugurada, e agora é professora. Ela afirmou que é interessante ter sido aluna e agora professora da Escola do campo. Nunca imaginou que passaria por essa experiência, e disse que, com o tempo, a escola do campo mudou muito, principalmente no enfraquecimento de opções de oficinas de aprendizagens, na união das pessoas da comunidade escolar e na baixa frequência de estudantes na escola do campo.

Então eu já tive essa experiência como estudante aqui, agora como professora, jamais eu iria imaginar que um dia eu iria me tornar professora e vir trabalhar aqui. [...]. Infelizmente mudou muita coisa sabe, assim, tinha mais alunos quando eu entrei aqui, a gente tinha mais oficinas, uma oficina bem mais interessante, não que as de agora não sejam. Mas assim, eu como aluna percebia que era bem diferente, era uma escola mais unida. Eu vejo assim porque já estava na 8º série, a gente já entendia, era um grupo de professores assim, uma equipe muito unida, o que agora a gente não, eu não percebo que seja assim sabe, infelizmente. E o número de alunos diminuiu bastante, eu acho que isso também contribui (Participante Begônia, 2020).

Shor e Freire (1986, p. 38), na obra “*Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor*”, comentam ligeiramente sobre as realidades sociais diferenciadas entre as escolas urbanas e do campo, pois cada uma contém suas próprias singularidades. Os autores comentam, também, que a crise na educação leva os professores “a entristecer-se”, pois, ao mesmo tempo, sentem o apelo da realidade e o medo da transformação. Nesse relato apresentado, sente-se o contexto do

campo que se modifica e a percepção docente que analisa, mas esmorece diante da impossibilidade de transformação ou de mudanças na realidade atual.

A participante Calêndula afirmou que gostava de estudar porque viveu em uma família de professores, na qual foi incentivada, e por isso também quis ser professora, semelhantemente aos seus familiares. Desde pequena ganhava canetinhas para colorir desenhos e letras e brincava de escola com as bonecas, imaginando que seria professora quando crescesse.

[...] veio da minha família o gosto pela profissão, de ver neh, eles, minhas tias sempre me davam canetinha para mim, aí, para eu fazer meus desenhos, contornar, eu achava um máximo sabe? Eu gostava, e daí eu tinha umas bonecas, eu era sozinha porque minha mãe não deixava brincar com ninguém quando era pequena [...] daí eu não tinha com quem brincar, daí eu tinha umas bonecas e eu dava aula para elas (Participante Calêndula, 2020).

As narrativas da participante Calêndula podem direcionar-se às reflexões de Freire (2021) que, em sua obra, escreveu, em retorno às perguntas e provocações de cartas que a sobrinha Cristina lhe enviara, refletindo sobre diversas situações da sua vida pessoal e sua relação com a prática educativa. O educador adverte que, o que ele foi enquanto menino, adolescente e jovem, o é agora, como “educador” que “está sendo” (Freire, 2021, p. 37). Ou seja, as histórias de vida são atos que fazem a reconstrução dos significados de vivências pessoais no percurso escolar.

As escolhas e imposições profissionais docentes

A escolha profissional, a segunda categoria da análise, mostra-se um tanto instigante, porque, ao mesmo tempo em que ocorreu de forma espontânea e satisfatória, também aconteceu pelas imposições da vida e dos familiares e/ou conhecidos. A participante Azaleia afirmou que, num primeiro momento, não gostaria de ser professora, mas que, em um determinado ponto de sua caminhada, resolveu escolher, e atualmente sente-se satisfeita com a sua profissão.

Minha primeira opção não era fazer o magistério. Sempre quando eu, lá no começo estava fazendo o ginásio, na época era o ginásio, a minha intenção era fazer contabilidade ou escolher outros cursos. No dia da matrícula, eu pensei: ah, eu vou encarar o magistério. E encarei, gostei, estou até hoje, gosto muito do eu faço, sabe? Trabalho com as crianças, amo as crianças. Procuro sempre dar o melhor de mim no meu trabalho, né? E hoje eu sei que se eu tivesse escolhido

outra profissão eu não teria me realizado tanto quanto eu estou agora. Então essa é minha profissão e eu gosto muito do que faço, sabe? (Participante Azaleia, 2020).

Nóvoa (2022) faz alguns apontamentos sobre a importância dos primeiros contatos com a profissão e a construção da identidade docente. Ele diz: “O meu argumento é que o período de transição entre a formação e a profissão é fundamental no modo como nos tornamos professores, no modo como vamos viver a nossa vida no ensino” (Nóvoa, 2022, p. 95).

A participante Begônia afirmou que ser professora lhe remete às brincadeiras de infância, quando imaginava ser a professora da escola. Mas a flor salienta que a realidade vivida é diferente da imaginação ou perspectiva da profissão.

Que a gente quando é criança a gente brinca: aí, quero ser professora, e é diferente da realidade (Participante Begônia, 2020).

Nessa direção, Ostetto (2012) ressalta a importância do estágio curricular no processo de tornar-se professor/a, destacando a necessidade de, no curso inicial, se recuperar as memórias e desejos da infância, mas também confrontá-los com a realidade, para que, tanto na formação inicial quanto na formação continuada dos professores, ocorram diversas experiências para constituir a identidade docente alicerçada no compromisso com a qualidade da educação. Ou seja, a formação docente é um caminho para o autoconhecimento. E, ainda, “a crença de que o professor se constitui a partir de cursos de formação inicial e contínua vai sendo substituída por uma percepção mais ampla dos processos formativos” (Ostetto, 2012, p. 127).

Calêndula, a terceira participante, escolheu a profissão pelo incentivo da família de professores a que pertence, principalmente a figura do avô, que era diretor de uma escola do campo. A flor destaca que a instituição, hoje, tem o nome dele, para homenageá-lo.

Eu era uma juvenzinha desse tipo, eu fazia o magistério, daí optei pelo magistério porque meu avô, pai da minha mãe, minha mãe hoje já é falecida, ele era professor, tem até (nome do lugar em sigilo) uma escola com o nome dele em homenagem. É uma escola do campo (Participante Calêndula, 2020).

A declaração da professora acima liga-se ao fato das significativas influências e exemplos de professores ou docentes próximos de sua convivência social. Destaca-se a ideia de

Nóvoa (2022), que concorre nesse sentido, quando apresenta o desejo de que os/as colegas professores sejam o incentivo e apoio próximo aos jovens docentes que iniciam suas carreiras profissionais: “Um dia, gostaria muito de ouvir a mesma resposta aos professores de educação básica, assumindo que o compromisso com o apoio aos jovens professores é um elemento essencial do seu trabalho e da sua responsabilidade intergeracional”(Nóvoa, 2022, p. 102).

A participante Calêndula, acima referenciada, ainda comentou que o manuseio e acesso à leitura e literatura, interligada às brincadeiras de infância, a impulsionaram na escolha da profissão docente.

Tinha um quadrinho e eu dava aula, pegava tudo que a professora passava, eu copiava para elas. Ou então tinha uma professora do 5º ano, ela tinha uns livros que eu achava um máximo aqueles livros. Nossa! aqueles textos, imagine a escrita do livro do professor, que é colorida, nossa “professora você me empresta teu livro hoje?” Daí eu chegava e dava aula para as bonecas com aquele livro, o livro da professora. Imagine, para mim era maravilhoso, veja! umas coisas assim, quando a gente é criança, hoje eu me pego dando risada até, mas eu achei assim, que tudo serviu de incentivo (Participante Calêndula, 2020).

À vista disso, Kenski (2012) colabora com o excerto acima, ao refletir sobre a formação inicial docente, bem como sobre a vivência dos estagiários/as da licenciatura nas práticas da escola. Junto dessa questão, ressalta-se a importância de rever e reconhecer a história de vida de cada docente em formação, pois, “[...] principalmente durante a infância, foram marcados pela sua vivência escolar” (Kenski, 2012, p. 37).

A docência e a relação família e escola

Apresenta-se, a seguir, a terceira categoria, chamada “A docência no isolamento social e a relação família e escola”. Nesse sentido, Azaleia comentou que as famílias participaram desse momento de trocas e ensino remoto, fazendo da forma melhor que puderam. Mas muitas famílias do campo não conseguiram acompanhar ou dar o suporte necessário, e reconheceram que o “jeito de ensinar” é somente dos professores.

Eu vou falar desse momento que nós estamos vivendo da pandemia. Eu vejo assim que a participação deles foi boa. Então, algumas famílias não conseguem dar esse atendimento, esse auxílio para as crianças, mas, conversando com elas, entrando em contato com elas, a gente vê que elas estavam dando o melhor delas para que isso acontecesse. Tem algumas famílias, como

eu já disse, que não conseguem, e dizem: olha, está sendo difícil, que não conseguem dar esse atendimento que precisa. Eles estão vendo a importância de ter um professor. Agora veem a importância da presença de um professor numa sala. “Ah, a gente não tem esse jeito do professor que está ensinando”. E eles vêm nos falar isso. Mas eu considero assim que a participação deles é boa, na medida do possível. Eles estão dando o melhor (Participante Azaleia, 2020).

Nicodem, Silva e Nicodem (2020), ao apresentarem uma pesquisa realizada no pós-doutoramento sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no contexto do campo, afirmam que não ocorrem mais barreiras para o uso dessas ferramentas tecnológicas. Também anunciam que não existem mais diferenciações entre campo e cidade, no que tange ao conhecimento de tecnologias ou usos digitais nas escolas urbanas e do campo. Mas esse conhecimento e acesso são anunciados a partir da pesquisa realizada dentro da Escola do campo. Os autores proclamam que a cultura contemporânea é midiática e todos estão imersos nela. Por outro lado, tem-se dados de pesquisas ocorridas durante a pandemia (pesquisa realizada pela FGV em 2020, anunciada no início desse texto) que comprovam a falta de recursos e acessos aos bens digitais para ocorrer o ensino remoto nas famílias.

A pandemia da Covid-19 foi uma surpresa para os professores e para as famílias, segundo o relato da Azaleia. Mas, de acordo com ela, é uma oportunidade de “melhorar” e se “ajudar” mais. Ou seja, ao mesmo tempo em que houve incertezas e inconstâncias, relações líquidas e fluidas, conforme anuncia Bauman (2007), diante do problema do vírus e o isolamento social as professoras sentiram-se desafiadas e aceitaram a nova realidade de ensino e trabalho docente. Ou seja, a professora se desafiou a consolidar uma relação de proximidade e ajuda mútua, mesmo sendo uma interação virtual.

Eu acho assim que tudo e todos fomos pegos de surpresa neh. Tudo foi uma coisa assim que a gente não esperava. Então a gente como escola e eles como família, estamos procurando fazer o melhor, cada um fazendo a sua parte. [...] Mas eu acho que a gente está no caminho. A gente está no caminho, eu acredito. Vamos procurar cada vez mais, nós, como professores, procurar melhorar e ajudar mais (Participante Azaleia, 2020).

A respeito do relato acima, assevera-se o sentimento de insegurança percebido e vivenciado pela docente, mas também o empenho em assegurar uma relação e educação da melhor forma possível, com responsabilidade. Esse fato pode atrelar-se a duas características que Freire (1986) sugere ao educador libertador e dialógico no contexto do ensino: o medo e a

ousadia. Desse modo, percebe-se uma educadora que, mesmo sentindo-se apavorada com a situação em que se encontrava no contexto de isolamento social, ousou dar o seu melhor em sua prática profissional.

A participante Begônia comentou, referindo-se à docência e à relação família e escola durante o isolamento social da Covid-19, que alguns professores estavam à disposição das famílias de forma integral, realizando atendimentos e assessorando-os fora do horário de trabalho, de forma excedente.

[...] alguns estão à disposição da família em qualquer horário, inclusive à noite, finais de semana, porque tem muitas famílias que os pais trabalham e que só têm tempo de fazer as tarefas no sábado. Então, é o dia que eles entram em contato conosco. Então eu acho que assim, a colaboração está sendo nesse sentido, que as professoras estão disponíveis ali, para o horário que os pais puderem e precisarem (Participante Begônia, 2020).

A sobrecarga de trabalho dos professores no contexto do ensino remoto foi um dos aspectos citados no estudo de Borges, Cia e Silva (2021), que demonstraram a insatisfação e cansaço dos docentes e um descompasso na relação família e escola, pois os educadores esperavam por vezes mais união e ajuda da família. As autoras indicam, ainda, uma intervenção para fortalecer a parceria entre a família e a escola, principalmente nos casos de educação inclusiva. Calêndula, por sua vez, destacou a importância da união que precisa haver entre pais e filhos que frequentam a escola, e também da família com os professores e vice-versa, para proporcionar um progresso na educação das crianças.

[...] a família e a escola têm que estar unidas... é, porque se a família não se unir com a escola, não estiver em contato com a escola neh? eu acho que o prejudicado é a criança, são os filhos neh? dos familiares, porque sempre tem que estar auxiliando, eles têm que estar auxiliando em um dever de casa. Ver o que está fazendo em todos os aspectos neh, comparecer às reuniões. Então eu acho que é união, a união da família neh? a escola só vai ter sucesso, só vai ter progresso se estiver unida com a família (Participante Calêndula, 2020).

Castro, Alves e Castro (2021, p. 3) ressaltam a experiência positiva da relação família e escola no estudo que realizaram com as famílias e as crianças durante o contexto do isolamento social, onde foi possível perceber o fortalecimento do vínculo entre as duas instituições e a “construção de uma parceria indissociável entre família e escola”. Nesse sentido, Calêndula

comentou sobre as tarefas realizadas ou não pelas famílias e a importância da participação das mesmas na escolarização e educação das crianças.

É, a gente às vezes manda alguma tarefa para eles fazer, não todo dia porque não pode também neh, ou uma leiturrinha alguma coisa. Se a família não estiver unida, não estiver vendo o que é pra fazer, não estiver vendo os combinados da escola e essa criança chegar em casa e não fizer nada, às veze, quem vai sair prejudicada é a própria criança. Porque às vezes tem alguns alunninhos que não, eles são criança neh, não se preocupam, e eu acho que a família tem que estar frente disso, vendo “o que que você trouxe hoje de tarefa, o que que tem de bilhete na caderneta” neh, acompanhando a vida escolar (Participante 3, 2020).

Nicodem, Silva e Nicodem (2020) atestam que a relação escola-família precisa ser permeada pelo diálogo no sentido de construir a relação, fortalecer ou reinventar a forma de se relacionar entre a instituição familiar e a educação, pois

[...] não temos saída: nem as famílias, nem as escolas. Com certeza, será no diálogo entre instituições que têm por missão cuidar e educar as gerações futuras que um novo caminho poderá ser descortinado. Seria um NOVO NORMAL? Talvez. Se conseguirmos construir práticas muito melhores, com mais aprendizagens, podemos dizer que, mesmo em tempos de pandemia, colhemos frutos preciosos dos nossos trabalhos (Nicodem; Silva & Nicodem, 2020, p. 19).

É possível que a pandemia traga novas e melhores formas de educar e cuidar das crianças e adolescentes.

Considerações finais

Entende-se que o objetivo geral deste estudo foi atingido, dada a investigação e análise das concepções das professoras da escola do campo sobre a relação família e escola no período do isolamento decorrente da pandemia da Covid-19. O texto apresentado revelou as categorias analíticas das narrativas sobre as concepções docentes, que demonstraram que as relações estabelecidas entre a instituição educativa (professores) e as famílias (pais, mães ou responsáveis) ocorreram de forma positiva, mas, ao mesmo tempo, com dificuldades, já que a sociedade como um todo foi tomada de assalto com a propagação de um vírus letal e desconhecido, que levou as pessoas a tomarem medidas de urgência devido às incertezas em relação à duração da vida e às demais catástrofes advindas desse fenômeno.

Concomitantemente, a entrevista e o encontro remoto com a pesquisadora fizeram com que as professoras falassem e demonstrassem suas histórias, desafios e lutas para empreenderem seus trabalhos num cenário de pandemia e uso contínuo/obrigatório das tecnologias para efetivar a relação entre família e escola. As participantes desvelaram a percepção de uma possível oportunidade de melhoramento da educação e atuação profissional.

Neste texto, é visível e notória a confirmação das dificuldades das professoras em seu percurso formativo na escola básica, as suas motivações para a escolha profissional na área da Pedagogia e suas reflexões diante do contexto de isolamento social. É preciso ter consciência do que é ser professor, e da possível visibilidade ampliada do papel social da profissão e sua importância no que diz respeito à formação educacional das crianças e estudantes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A resiliência, coragem e dedicação docente se contrapõem às vivências das diversas situações de medo, insegurança, incerteza, cansaço, exaustão, pressão e trabalho exaustivo.

A partir da temática sobre a relação família e escola deste estudo de tese, apresentado no momento da coleta de dados, ficou evidente a percepção das docentes quanto à importância da formação do professor para as famílias e sociedade em geral. As participantes da pesquisa apontaram que os pais, durante o período de isolamento social, sob a forma de ensino remoto, conseguiram “olhar melhor” ou “perceber melhor” quem é o professor/a, e que a forma de ensinar e exercer o acompanhamento pedagógico é “ofício” do docente. Pode-se confirmar a solidez e a liquidez nas relações entre as famílias, escola e formação docente durante o período pandêmico.

Referências

- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Bauman, Z. (2011). *44 cartas ao mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Bauman, Z. (2013). *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Borges, L. F., Cia, F., & Silva, A. M. (2021). Atividades acadêmicas e relação família-escola durante o isolamento social da pandemia de covid-19. *Olhares & Trilhas*, 23(2), 773-795.
- Brandão, C. R. (2007). *O que é educação*. São Paulo, SP: Brasiliense.

- Castro, M. A., Alves, M. M., & Castro, D. D. (2021). Educação infantil e pandemia: família e escola em tempos de isolamento social. *Ensino em Perspectivas*, 2(4), 1-12.
- Dalben, Â. I. L. F. (2019). Relação família x escola em tempos de pandemia. *Paidéia*, 14(22), 11-29.
- Freire, P. (1986). *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (2021). *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Fundação Carlos Chagas (2020). *Educação escolar em tempos de pandemia*. São Paulo, SP: FCC. Recuperado em 12 julho, 2023, de <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1/>.
- Fundação Oswaldo Cruz. *Covid nas favelas*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz. Recuperado em 9 julho, 2023, de <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19-covid-nas-favelas>.
- Fundação Oswaldo Cruz. *Uma instituição a serviço da vida*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz. Recuperado em 27 setembro, 2023, de <https://portal.fiocruz.br/>.
- Garcia, A. (2015). O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas. In Anais da 37^a Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (p. 1-16). Florianópolis, SC.
- Garcia, D. (2021). Os desafios da escolarização em casa em tempo de pandemia. In L. P. Guimarães (Ed.), *Crianças e docência: experiências para além da escola* (p. 70-74). Santa Maria, RS: Arco Editores.
- Kenski, V. M. (2012). A vivência escolar dos estagiários e a prática da pesquisa em estágios supervisionados. In S. B. Piconez, *A prática de ensino e o estágio supervisionado* (p. 35-46). Campinas, SP: Papirus.
- Lara, Â. M. B., & Molina, A. A. (2011). Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In C. A. A. Toledo, & M. T. C. Gonzaga (Ed.), *Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas* (p. 121-172). Maringá, PR: Eduem.
- Nicodem, F. M., Silva, M., & Nicodem, E. M. (2020). Redes sociais na escola do campo à luz de Bauman e da modernidade líquida: percursos e fronteiras. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e Educação*, 6(3), 44-68.
- Nóvoa, A. (2022). *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Salvador, BA: SEC/IAT.
- Organização Pan-Americana de Saúde (2023). *Após três anos de COVID-19, vigilância e vacinação são a chave para acabar com a pandemia nas Américas*. Recuperado em 13 julho, 2023, de <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2023-apos-tres-anos-covid-19-vigilancia-e-vacinacao-sao-chave-para-acabar-com-pandemia>.
- Organização Pan-Americana de Saúde (2023). *Folha informativa sobre COVID-19*. Recuperado em 9 julho, 2023, de <https://www.paho.org/pt/covid19#collapse-accordion-24199-3>.

Ostetto, E. (2012). O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In E. Ostetto, *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores* (p. 35-46). Campinas, SP: Papirus.

Portaria n. 356, de 11 de março de 2020 (2020). Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Brasília, DF. Recuperado em 7 agosto, 2023, de <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>.

Portaria n. 934, de 29 de setembro de 2021 (2021). Dispõe sobre a implantação do cálculo de juros de mora, referente ao Termo de Acordo do Recurso Extraordinário 1.171.152/SC. Brasília, DF. Recuperado em 10 dezembro, 2023, de <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=420971#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20implanta%C3%A7%C3%A3o%20do,Extraordin%C3%A1rio%201.171.152%2FSC>.

Shor, I., & Freire, P. (1986). *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Sousa, M. G. S., & Cabral, C. L. O. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*, 33(2), 149-158.

Universidade Federal do Pampa. *Isolamento social: o que é?* Bagé, RS: Unipampa. Recuperado em 9 julho, 2023, de https://unipampa.edu.br/portal/sites/default/files/portifolio_1.pdf.

World Health Organization (2019). *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic*. Recuperado em 7 julho, 2023, de <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.

World Health Organization (2024). *Number of COVID-19 cases reported to Who*. Recuperado em 27 fevereiro, 2024, de <https://covid19.who.int/>.

Recebido: 15/11/2023

Aceito: 21/03/2024

Publicado: 20/04/2025

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.